



LABIRINTO

Jorge Franco

Performance teatral com textos de Julio Cortazar, Mauro Ulrich, Jorge Franco e Antonin Artaud.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



L A B I R I N T O

Jorge Franco

Um homem, ora sentado em uma cadeira, ora sentado no chão, faz jogos mímicos com todo o corpo. Depois de algum tempo fala:

"Labirinto que a vida é. Ela pode ser e pode não ser. Semoventes possibilidades. Copos e garrafas sobre a mesa. Papeis espalhados e cinzeiro cheio. Labirinto que a vida é. Ela é também jogo. Jogo e sedução. Amarelinha na calçada. Xadrez sem peão. Vida e labirinto de palavras e gestos. Espelho revelador. Duplo ampliado e de difícil entendimento. Quem é quem? Os passos circulam na calçada. Menina bonita passa. Encontro casual do desejo com a paixão. Caixa colorida e louca para ser aberta. Labirinto é ritmo desenfreado do coração quando a chuva cai e não faz barulho no chão. Suspensa dentro da bolha de ar a criação espera o momento certo. Gatos, vidraças, passagens, escada e corrimão...

Palavras. Começo, meio, fim. Bem assim... Palavras. Talvez existe. Existe no talvez e no vocabulário. Rio nas margens do rio. Gargalhada perdida na floresta dos acentos e das vírgulas. O pensamento não vem em pilulas. Lulas e bagres fazem a festa. Fresta que existe entre a mão e a ação. Palavras. Ponto de referência. Começo da confusão. Lavrar o palavreado. Abrir sulcos na espera. Jogos e pisões no dia de São João. É o que resta. Palavras; mera substituição de...

Certezas e mais certezas. A letra da música diz que tudo o que não foi, será. Os sapatos da razão estão molhados tal qual a aquele anjo em cima do telhado. Quem espera sempre alcança. O teclado do piano é branco e preto. Preto e branco. Quem alcança, espera? Por supuesto que si. Tal a letra do tango emborrachado: peregrino y soñador me voy a hablar con las estrellas. Se no soy lo que vivo, soy lo que canto... e no entanto o bom mesmo ficou para depois e que ninguém sabe quando é. Ser ou não ser. Dúvida dos sapos coaxando. Sorriso do menino brincando. O tacape do índio voou pelos ares. Foi e voltou tipo esperança, vaga-lume. Lua me vago que se vê logo lume. Luz do mar à meia-noite. A canoa virou. Lua emborcada foi a única cúmplice. Sempre ela, essa tuberculosa. Mimosa criatura que chupa o nariz das nuvens e sai



arrotando vento. Não ha mais tempo...

Mas diz que gosta, mas tem medo. Escuro medo. Garras da noite arranhando o amanhecer que um dia foi despedida. Ida sem volta. Valsa nua a tocar na cara do dia. No meio-dia as formigas suspiram de tanto encontrarem-se. Desmaio ininterrupto a chuva persiste insiste malvada danada queda que espanta e encanta. Coisas do tempo. Tempo de espera, sempre espera sempre. Musical perdição esta das estações do tempo. Passa boi passa boiada. Queije com goiabada."

De súbito, ele diz apontando para outro lugar do quarto:

"Agora, va até lá e veja o triste reflexo de sua esperança. Esse macaco que treme de frio, tem medo e se coça. Quebre a cabeça do macaco e corra do centro em direção à parede e abra caminho... Ou então lembre-se de como as maos enterradas na areia escondiam os gestos dos desbravadores covardes. Mamilos tensos, umbigo aprofundando-se. Na altura da testa, um pouco acima dos olhos, em forma de aba, poderia defender-se da claridade forte do sol. Mas era melhor assim... enraizado, como um osso na sua jornada de apodrecimento. Em seguida ele percebeu que erguer a bússola até o pico das montanhas não queria dizer que recobriria o sentido. Pura ficção, vacuo, desvio de memória. Norte e Sul giravam enraivecidos ao seu redor, e o relógio suíço que comandava a disposição de suas emoções, não marcava hora alguma. Atordoado, pulou para dentro de si mesmo e precipitou-se em direção ao centro do abismo. Lá embaixo as pedras, armadas de unhas e dentes, esperavam-no sem piedade."

Depois pára e fica tentando ouvir alguém que se aproxima:

"Lopez... é você? Já está na hora? Lopez é o meu carcereiro, o meu carrasco. Daqui a pouco ele vai chegar e eu terei que ir... Lá no fundo está a morte, mas não tenha medo."

De repente fica com uma expressão de tristeza e abandono. Senta lentamente e diz:

"Uma gargalhada foi o que restou de nosso ultimo encontro. Depois foi silêncio e eu olhando para um ponto fixo no meio do quarto. Não sei quanto tempo fiquei naquela posição. Talvez tenha ate adormecido e sonhado ter encontrado as minhas próprias mãos... Depois de muito tempo nessa solidão de quase sempre, eu me vi sentado no meio do quarto com a recordação de sua gargalhada que



era um grande circulo místico e pegajoso e com minhas roupas amon^{to}toadas e completamente empapadas de suor... ou seriam lágrimas?"

Muda bruscamente de atitude e em seguida fala:

"Mas, deixando de lado os motivos, atenhamo-nos à maneira correta de chorar, entendendo por isso um choro que não penetre no escândalo, que não insulte o sorriso com sua semelhança desajeitada e paralela. O choro médio ou comum consiste numa contração geral do rosto e em um som espasmódico acompanhado de lágrimas e muco, este no fim, pois o choro acaba no momento em que a gente se assoa energicamente.

Para chorar, dirija a imaginação a você mesmo, e se isto lhe é impossível por ter adquirido o hábito de acreditar no mundo exterior, pense num pato coberto de formigas e nesses golfos do estreito de Magalhães nos quais não entra ninguém nunca.

Quando o choro chegar, você cobrirá o rosto com delicadeza, usando ambas as mãos com as palmas para dentro. As crianças chorarão esfregando a manga do casaco na cara, e de preferência num canto do quarto. Duração média do choro: 3 minutos.

Ah... ei, ia esquecendo... tem a alegria, os belos momentos, música (toca um instrumento musical), mas de que elas serevem se são apenas um mero resultado da passagem do tempo?"

Ameaça uma corrida e para. Diz:

"Uma vez eu estava parado numa esquina e vi um senhor encontrar um amigo. Ele o cumprimenta estendendo-lhe a mão e inclinando um pouco a cabeça. Isto é, acha que o cumprimenta, mas o cumprimento já foi inventado e este bom homem não faz mais que repeti-lo. Chove. Um senhor se refugia debaixo de uma arcada. Esses senhores quase nunca sabem que acabam de escorregar por um tobogã pré-fabricado desde a primeira chuva e desde a primeira arcada. Um úmido tobogã de folhas murchas... E os gestos de amor, esse doce museu, essa galeria de figuras de fumaça. Console-se a sua vaidade: a mão de Antonio procurou o que a sua mão procura, e nem aquela nem a sua procuravam nada que já não tivesse sido encontrado pela eternidade. Mas as coisas invisíveis precisam encarnar-se, as ideias caem no chão como pombas mortas.

O verdadeiramente novo assusta ou deslumbra. Essas tuas sensações, igualmente perto do estômago, acompanham sempre a presença da ansiedade; o resto é o conforto, o que sempre sai mais ou



menos bem; os verbos ativos contem o repertório completo.

Hamlet nao duvida: procura a soluçao autêntica. Quer a tangente que destroi o mistério, a quinta folha do trevo. To be or not to be. Entre sim e não, que infinita rosa dos ventos. Ah, mas existem aqueles que preferem morrer a comer carne morta. Quando os sapatos apertam, é bom sinal. Alguma coisa muda aí, alguma coisa que nos mostra, nos suscita. Por isso é que os monstros são tão populares e os jornais se extasiam com os bezerros bicéfalos."

Fala isso e fica em silêncio ouvindo sua própria respiração. Aproxima-se da porta do quarto e pergunta:

"Lopez?... Lopez, é você? Não, ainda não é Lopez."

Fica agitado e agarrado à cadeira diz:

"O corpo humano é uma pilha elétrica do qual castraram e reprimiram todas as descargas, no qual orientaram para a vida sexual as capacidades e tendências, enquanto que ele foi feito justamente para absorver, por seus deslocamentos voltaicos, todas as disponibilidades errantes do infinito do vazio, dos buracos do vazio, cada vez mais incomensuráveis... e tem a mão, o pé, a coxa, os quadris, o dorso, o umbigo, a bunda, o ânus, o sexo propriamente dito, e essas coisas ditas parecem obscenas, não? Elas só são obscenas porque jamais se pode trabalhar e cultivar isso, fora do obsceno. Não, não, nosso corpo não é obsceno."

Repentinamente pega a cadeira e a coloca em outro lugar. Logo em seguida fala:

"Boa noite... Boa noite... Boa noite, minha senhora! Eu disse boa noite, minha senhora. Quem sabe então, bom dia. Ah, a senhora prefere boa tarde. Boa tarde, minha senhora. Boa taaaarde, minha senhora. Aceita um drink? Com gelo ou sem gelo? Ah, a senhora não bebe. Mas bem que poderia me dizer 'não meu senhor, eu não bebo.' Mas não. A senhora cala e insiste e persiste nesse seu silêncio agudo e infame. A senhora é cruel. Aliás, a senhora é muito mais do que isso, a senhora é uma sádica. Olha que eu digo um palavrão bem alto, viu? A senhora não me conhece. Porra. Merda. Caralho. Xinga, xinga minha mãe, xinga, sua filha da puta. Sabe que eu descobri uma coisa da senhora? Aliás, eu descobri duas coisas: descobri que a senhora me despreza e sente asco de mim e da minha boca vermelha. Mas no fundo, no fundo, no fundo, a senhora me ama,



todos me amam, todos me desejam, inclusive a senhora, pensa que eu nao sei? Ah, eu descobri outra coisa da senhora. Eu descobri eu descobri que a senhora se masturba. Se masturba e o seu tédio é tao grande, mas tao grande, que adivinha em quem que a senhora pensa enquanto se masturba? A senhora pensa em mim. E em mim que a senhora pensa. E um tal de siririca nheco-nheco, siririca nheco-nheco, siririca nheco-nheco, até gozar... O que que a senhora está olhando assim para o meu pé. Pira esse olho libertino de cima do meu pé. O meu pé, as unhas, os dedos, tudo, tudo é meu, só meu, de mais ninguém. Como é que eu posso provar? Mas que petulante, tarada no cio, estripadora de pés. A senhora faz isso comigo porque sabe que a minha mae era lesbica e o meu pai fugiu com um anão hermafrodita, e eu sou fruto de um orgasmo equivocado. Eu quero morrer, quero morrer, quero morrer... E logo a senhora, que era a minha última chance existencial, sexual. Agora a senhora cala a boca porque agora eu vou gritar, eu vou gritar, eu vou gritar... Eu te amo... Eu te amo..."

Subitamente ele aponta para o fundo do quarto e diz:

"Lá no fundo está a morte, mas nao tenha medo. Segure o relógio com uma mao, pegue com dois dedos o pino da corda, puxe-o suavemente. Agora se abre outro prazo, as árvores soltam suas folhas, os barcos correm regata, o tempo como um leque vai se enchendo de si mesmo e dele brotam o ar, as brisas da terra, a sombra de uma mulher, o perfume do pao.

Que mais quer? Que mais quer? Amarre-o depressa a seu pulso, deixe-o bater em liberdade, imite-o. O mêdo enferruja as âncoras, cada coisa que pode ser alcançada e foi esquecida começa a corroer as veias do relógio, gangrenando o frio sangue de seus pequenos rubis. E lá no fundo está a morte se não correms, e chegamos antes e compreendemos que já nao tem importância. Aliás, nada mais importa."

Para de falar e fica ouvindo o silêncio. Depois diz:

"Lopez? Você chegou..."

Sai do quarto.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0247 - CEP 91020-025

F I M